

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *A CHAVE DE CASA* (2007) DE TATIANA SALEM LEVY E *AZUL-CORVO* (2010) DE ADRIANA LISBOA.

Sheila Couto CAIXETA
Universidade de Brasília – Unb
sheillacouto@gmail.com

Resumo:

Esta comunicação tem por objetivo analisar as relações entre memória e identidade a partir de duas obras da literatura brasileira contemporânea: *A chave de casa* (2007) de Tatiana Salém Levy e *Azul-corvo* (2010) de Adriana Lisboa. As narradoras procuram resgatar fatos vivenciados por elas através de suas memórias e das memórias das pessoas próximas buscando a reconstrução do sujeito. A memória é um dos principais elementos constituintes da identidade, da subjetividade individual. A partir das lembranças podemos trazer ações, casos, pessoas e acontecimentos diversos que serão importantes para o entendimento de si. Porém, a memória é feita de lacunas, de luz e sombras, de certezas e incertezas, enfim, de lembranças e esquecimentos. Assim, a relação entre memória e identidade é problemática e como podemos dar sentido aos acontecimentos de uma vida, a uma série de ações desarticuladas, fragmentadas a partir de um terreno tão movediço que é a memória? Os estudos do filósofo Paul Ricoeur nas obras *A memória, a história, o esquecimento* e *Tempo e narrativa* dão importantes suportes teóricos ao trabalho.

Palavras-chave: Memória; identidade; literatura brasileira contemporânea; Paul Ricoeur.

A memória é o eixo condutor dos romances *A chave de casa* e *Azul-corvo*. As narradoras tem a necessidade de buscar no passado respostas para seus questionamentos atuais. Em *Azul-corvo* personagem-narradora Evangelina, ou simplesmente Vanja, após a morte de sua mãe, se desloca de Copacabana onde vive para os Estados Unidos com o objetivo de procurar seu pai biológico. Para tentar localizá-lo ela conta com a ajuda do ex-marido de sua mãe Fernando e um amigo que ela conhece nos Eua, Carlos que os acompanhará neste trajeto.

Em *A chave de casa*, a viagem da narradora é motivada pela busca da casa que foi de seus antepassados na Turquia. Seu avô quando migrou para o Brasil, guardou a chave da casa da família e entregou para que a neta a localizasse. De acordo com a obra, as migrações feitas pela família causam sofrimento na personagem. Ela se sente sem nome, sem identidade, pois nasceu longe de si, longe da sua terra. Sente que carrega nos ombros todo o passado de migrações, que já nasceu velha, por ser fruto de experiências muito anteriores ao seu nascimento. Ela que cresceu entre lembranças de viagens da família, mas não consegue sair do lugar. A viagem para localizar a casa é a possibilidade de encontrar um sentido para um peso do passado que a atormenta.

As obras tem em comum uma busca, o deslocamento para outro país como possibilidade de encontrar respostas sobre seus questionamentos. Elas querem saber mais sobre a sua história de vida e para isso refazem o caminho que fizeram seus

antepassados. A vontade de Vanja em *Azul-corvo* era perguntar cada detalhe a Fernando sobre seu passado com sua mãe Suzana, como se conheceram, por que se separaram, sua experiência na guerrilha, sua saída do Brasil, “eu tinha, diz Vanja, mil e duzentas páginas de perguntas sobre minha mãe, sobre ele e minha mãe, sobre meu pai e minha mãe, sobre o Novo México, sobre os esquetes encenados antes que eu nascesse” confessa a narradora (LISBOA, 2010, p.77).

Ao retornar uma experiência pela narrativa temos a oportunidade de partilha-la, reinterpretá-la e compreender nossas ações no mundo. É com este desejo que elas buscam via memória o entendimento de si. A obra *A memória, a história e o esquecimento* do filósofo francês Paul Ricoeur oferece subsídios teóricos para o estudo da memória, já a experiência temporal humana pode ser analisada sob *Tempo e narrativa* do mesmo autor. A memória é um dos principais elementos constituintes da identidade. A faculdade da memória, ao permitir resgatar uma série de eventos passados que dão sentido ao presente, traz à tona vivências diversas que serão importantes para o entendimento de si. O que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Memória e identidade se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma narrativa de si. Porém, a memória é feita de lacunas, de luz e sombras, de certezas e incertezas, enfim, de lembranças e esquecimentos. Sendo assim, como dar sentido aos acontecimentos de uma vida que é feita de uma série de experiências fragmentadas? Como fazer surgir a compreensão tão importante no processo de identidade, a partir de um terreno tão movediço que é a memória?

Para Ricoeur não temos outro recurso para acessar o passado senão a memória. Ela seria o único caminho seguro para nos levar até aquilo que já passou e dotá-lo de significado em nosso presente, “se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, diz Ricoeur, é precisamente porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar” (RICOEUR, 2007, p. 40). Longe de ser um inimigo da memória, o esquecimento permite muitas vezes que as lembranças dolorosas, traumáticas, fiquem encobertas. É a memória que deve negociar com ele para achar a medida do seu equilíbrio. O trabalho de reapropriação e negociação que cada pessoa faz em relação a seu passado passa por reflexões, buscas e interpretações.

Ricoeur se apoia em Aristóteles para distinguir os dois tipos de memória, a *mneme*¹, que é a lembrança involuntária, evocada por circunstâncias, objetos, pessoas ou lugares, em cuja experiência passada faça brotar a recordação. E a *anamnese*, que é o trabalho consciente e sistemático de uma busca ativa de recuperação das lembranças, o esforço de recordação (p. 37). Nesta última pode haver reelaboração, reflexão, julgamento e ressignificação das experiências vividas, importantes para a identidade. Porém quem busca não encontra necessariamente. O esforço de recordação pode ter sucesso ou fracassar. Abre citação: “A recordação bem-sucedida é uma das figuras daquilo a que chamaremos de memória feliz” fecha citação (p. 46).

Outro filósofo que Paul Ricoeur convoca para trabalhar o tema da memória e da narrativa é Santo Agostinho. Em *Confissões*, Santo Agostinho diz que “ao se lembrar de algo alguém se lembra de si”. Ricoeur destaca que para filósofo cristão a memória é duas vezes admirável. Em primeiro em razão de sua amplitude. “Imenso é o tesouro que dizem ‘conter’ a memória” diz Santo Agostinho. Depois porque, “não são apenas as imagens das coisas que voltam ao espírito, mas os próprios inteligíveis” (p.107). Ou seja, a memória das coisas e a do próprio indivíduo coincidem. “Aí, encontro também a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde fiz e da impressão que tive

¹ Ricoeur recorre a Aristóteles em *Da memória e reminiscência*, um dos tratados que compõem a *Prava Naturalia*, para distinguir as duas formas de aparecimento da lembrança.

ao fazê-lo. Em suma, ‘o espírito é também a própria memória’. Não são apenas as imagens das coisas que voltam ao espírito, a memória das coisas e a memória de mim mesmo coincidem, conclui o filósofo. As representações do si são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal. Memória, identidade e tempo tem uma relação fundamental. É importante lembrar que esta obra memorialística parte da necessidade que Santo Agostinho teve de escrever a história de si (p. 110).

Nos romances, ao ouvir e ler as histórias das pessoas próximas é como se as narradoras pudessem montar um mosaico de partes disformes, que levaria a um todo complexo. É importante destacar que ambos os romances são marcados por processos migratórios. Em *A chave de Casa* a narradora de Levy passa por Istambul e Esmirna na Turquia e por Portugal. Vanja em *Azul-corvo* sai do Brasil e vai para o Colorado nos EUA e Novo México. A migração produz uma mescla de múltiplas referências culturais que geram no sujeito contraditórias versões e sentimentos com relação ao herdado e o vivido. Nessa identidade em movimento multilocal e multicultural criados pelos deslocamentos, o papel da memória é uma mediação e reconstrução constante. A identidade tem um passado, mas é importante reconhecer que, ao reinvidicá-lo, nós o reconstruímos e que o passado é uma representação presente que sofre uma constante transformação.

Os romances *A chave de casa* e *Azul-corvo* oferecem narrativas em que as narradoras sentem a necessidade de trazer a experiência vivida para a linguagem, contando sua história e de seus familiares. Aqui, o narrador é, por excelência, aquele que conta seu mundo, suas ações, seus pensamentos. As narradoras utilizam a narrativa para ser uma interpretação de si numa relação íntima com o tempo. E nós como leitores temos acesso a essas experiências vividas por elas e podemos re-significá-las. É o que Ricoeur, quando desenvolve sua tríplice mimesis, chama de mimesis III, ou seja, o impacto que a ação narrada em obra escrita causa ao leitor e a sua repercussão no mundo que a gerou. O filósofo destaca a impossibilidade de apreensão da temporalidade sem a mediação da linguagem, da narrativa. Assim, a identidade que Ricoeur propõe é uma identidade narrativa em que o sujeito, reconhecendo-se como tal em sua história de vida, identificado por ela e com ela, conta e reconta esta história, incorporando à sua identidade a passagem do tempo, os novos acontecimentos.

Com Santo Agostinho, o tempo, passa a ser pensado em termos de atividade psíquica/espiritual (o tempo não é medido conforme fatores externos, o sol, a lua, o calendário) mas como temporalidade humana, interiormente. No livro xi de Confissões ele se questiona sobre a medida do tempo o “Que é, pois, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” Diz, Sto Agostinho. Percebe que se estamos dentro do tempo e, todavia, o percebemos, o medimos, o comparamos, o avaliamos é porque há um movimento introspectivo da alma que me permite lembrar, ver e prever (isto é, reconhecer índices temporais diversos). O tempo somente pode fazer sentido, livrar-se da aporia aprisionadora que impede um mínimo de explicação racional sobre sua condição, se o tomamos como realidade da temporalidade humana. Esta, pode tanto remeter a noções de eternidade, quanto de distensão do tempo ou finitude (tríplice presente). A viagem empreendida pela personagem-narradora de Levy para a Turquia em busca de um passado que não existe mais é sentida no presente como uma expectativa futura de resgatar o que deixou para trás. É o que Santo Agostinho defende como o tríplice presente sentido na alma: o presente do passado, a memória (no romance a memória da família); o presente do presente, a visão presente (o desejo presente de escrever esta história); o presente do futuro, expectativa (será que encontrarei a casa dos meus antepassados?). Em *azul-corvo* o tríplice presente é sentido na alma: o presente do passado a memória (a

experiência vivida com a mãe, as comparações entre o Rio de Janeiro e Denver no Colorado, fruto de suas lembranças). O presente do presente, a visão presente (o desejo de encontrar o pai e sua adaptação no país estrangeiro); o presente do futuro, a expectativa (será que encontrarei meu pai? Qual será a sua reação?).

A forma com que os romances são apresentados ao leitor, relatos fragmentados, sem ordem cronológica, vão seguindo os passos erráticos das lembranças, que nunca surgem – como, aliás, na vida real – em ordem rigorosamente cronológica, e muito menos com precisão absoluta. Capítulos que alternam vozes, fatos e temas que são discutidos depois voltam sem encadeamento lógico. Essa apresentação do enredo é o que Ricoeur chama atenção para o caráter não linear do tempo, não linear também na intriga. O tempo passa a ser o da própria narrativa e o narrador pode valer-se de estratégias que permitam encurtar ações que no acontecimento tiveram menor importância, alongar ações que duraram mais do que sugere o tempo utilizado para narrá-las, fazer remissões ao passado, assim como projeções no futuro, dentre uma série de outros acontecimentos.

O que medimos, diz Santo Agostinho, são as impressões que permanecem no espírito depois da passagem do tempo, e não as coisas que passam (RICOEUR, 2010, p. 35). Neste ínterim, o que as personagens de Levy e Lisboa narram da experiência vivida, da convivência com a mãe, por exemplo, são as impressões que permaneceram fixadas na memória. Santo Agostinho une a questão do tempo à da linguagem como também resolve a aporia do tempo longo ou breve já que o que medimos não são as coisas, mas as marcas, os rastros que permanecem na experiência vivida.

Como vimos, os romances de Tatiana Levy e Adriana Lisboa oferecem narrativas que lançam mão da memória individual e do grupo como principal elemento na formação da identidade do sujeito. A partir do entendimento da sua história de vida, as narradoras buscam enfrentar os fantasmas do passado, as suas inquietações, para poder seguir seu caminho. Ao acompanharmos os romances acima entramos em contato com experiências que são temas em crescente discussão: memória, identidade, necessidade de narrar, migrações, deslocamentos e, como leitores, damos as nossas refigurações.

Os estudos sobre a memória têm contribuições essenciais ao entendimento de si, pois é no resgate de eventos via lembrança e sua organização no presente que está vinculado o sentido de orientação do sujeito na passagem do tempo. A memória organiza os traços do passado a partir de uma demanda do presente. É a partir de uma necessidade do agora que buscamos nas lembranças os acontecimentos marcantes (nos âmbitos individual e coletivo). As demandas da memória estão a todo o momento sendo convocadas por grupos para entender as ações dos homens no tempo.

Referências

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LISBOA, Adriana. **Azul-corvo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa – Tomo I**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.